

cartas a um francês na crise atual¹

mikhail bakunin

Problemas gerais da revolução social

Eu já mostrei que a França não pode ser salva... pelo Estado. Mas fora da parasitária e artificial instituição do Estado, uma nação consiste apenas de seu povo; conseqüentemente, a França só pode ser salva pela ação imediata e não partidária do povo, por um levante em massa de todo o povo francês, espontaneamente organizado de baixo para cima, uma guerra de destruição, uma guerra impiedosa até a morte.

Quando uma nação de trinta e oito milhões de pessoas se levanta para se defender, determinada a destruir tudo e pronta até mesmo para sacrificar vidas e posses em vez de se submeter à escravidão, nenhum exército no mundo, por mais poderoso que seja, por mais bem organizado e equipado com as armas mais extraordinárias, será capaz de conquistá-la.

Tudo depende da capacidade do povo francês de fazer tal esforço. Em que medida as lisonjas da civilização burguesa afetaram suas capacidades revolucionárias?

Será que tais fatores os tornaram incapazes de reunir o heroísmo e a tenacidade primitiva necessários? Eles pre-

ferem a paz ao preço da liberdade ou a liberdade à custa de imensas privações? Eles ainda retêm pelo menos um pouco da força natural e da energia primitiva que tornam uma nação poderosa?

Se a França fosse composta apenas pela burguesia, eu teria respondido negativamente sem hesitar. A burguesia francesa, como na maioria dos países da Europa Ocidental, compreende um corpo imenso, muito mais numeroso do que geralmente se supõe, penetrando até mesmo no proletariado e, em certa medida, corrompendo seus estratos mais altos.

Na França, os trabalhadores são muito menos apegados à classe burguesa do que na Alemanha e aumentam a cada dia seu afastamento dela. No entanto, a influência deletéria da civilização burguesa continua a corromper alguns setores do proletariado francês. Isso explica a indiferença e o egoísmo observados em certas ocupações mais bem remuneradas. Esses trabalhadores são semi-burgueses, por causa do interesse próprio e da autoilusão, e se opõem à Revolução porque temem que a Revolução os arruine.

A burguesia, portanto, constitui um setor muito influente e considerável da sociedade francesa. Mas, se neste momento todos os franceses fossem burgueses, a invasão prussiana envolveria Paris, e a França estaria perdida. A burguesia há muito sobreviveu à sua era heroica; falta-lhe o dinamismo, o heroísmo supremo que a levou à vitória em 1793 e, desde então, tendo se tornado complacente e satisfeita, tem se degenerado continuamente. Em caso de extrema necessidade, sacrificará até mesmo seus filhos, mas nunca sua posição social e sua propriedade pela realização de um grande ideal. Prefere submeter-se ao jugo alemão a

renunciar aos seus privilégios sociais e aceitar a igualdade econômica com o proletariado. Não digo que a burguesia seja antipatriótica; pelo contrário, o patriotismo, no sentido mais estrito, é sua virtude essencial. Mas a burguesia só ama seu país porque, para ela, o país, representado pelo Estado, salvaguarda seus privilégios econômicos, políticos e sociais. Qualquer nação que retirasse essa proteção seria renegada por eles. Portanto, para a burguesia, o país é o Estado. Patriotas do Estado, tornam-se furiosos inimigos das massas se o povo, cansado de se sacrificar, de ser usado como escabelo passivo pelo governo, se revolta contra eles. Se a burguesia tivesse de escolher entre as massas que se rebelam contra o Estado e os invasores prussianos da França, certamente escolheria estes últimos. Essa seria uma opção desagradável, mas eles são, no entanto, defensores do princípio do Estado contra a ralé inútil, as massas do mundo. A burguesia de Paris e de toda a França não torceu por Luís Bonaparte em 1848 pelo mesmo motivo? E não apoiaram Napoleão III, até que ficou claro para todos que seu governo havia levado a França à beira da ruína? A burguesia francesa só deixou de apoiá-lo quando temeu que sua queda fosse o sinal para a revolução popular, ou seja, que ele não poderia impedir a Revolução Social. E o medo disso é tão grande que os leva a trair seu país. Eles são inteligentes o suficiente para compreender plenamente que o atual regime [o governo que sucedeu Napoleão III] não pode salvar a França, que os novos governantes não têm vontade, nem inteligência, nem poder para fazê-lo. No entanto, apesar disso tudo, eles continuam a apoiar este governo; eles têm mais medo da invasão de sua civilização burguesa pelo povo da França do que da invasão prussiana da França.

Dito isto, a burguesia francesa em geral é, hoje, sinceramente patriótica. Os burgueses odeiam cordialmente os prussianos. Para expulsar os invasores insolentes do solo da França, estão dispostos a fazer grandes sacrifícios de soldados, a maioria deles das classes mais baixas, e de dinheiro, que mais cedo ou mais tarde será recuperado do povo. Mas, insistem absolutamente que toda riqueza e mão-de-obra contribuídas devem ser concentradas nas mãos do Estado e que, na medida do possível, todos os voluntários armados devem se tornar soldados do exército regular. Insistem que todas as organizações voluntárias privadas envolvidas em operações de guerra, sejam elas financeiras, militares, administrativas ou médicas, sejam autorizadas a funcionar apenas sob a supervisão direta do Estado. Exigem também que as milícias de cidadãos não governamentais e todos os corpos militares irregulares sejam organizados por e sob a supervisão pessoal de chefes autorizados, licenciados pelo Estado, proprietários, conhecidos “cavalheiros” burgueses e outros bons cidadãos. Desse modo, os trabalhadores e camponeses das forças não oficiais que possam se rebelar ou participar da insurreição não serão mais perigosos. Além disso, os líderes irão, se necessário, enviar essas tropas para reprimir as revoltas contra as autoridades, como aconteceu em junho de 1790, quando as patrulhas reprimiram o povo.

Sobre este ponto, os burgueses de todas as denominações — dos vigilantes mais reacionários aos mais fanáticos jacobinos — juntamente com os autoritários comunistas de Estado são unânimes: a salvação da França pode e deve ser alcançada somente pelo Estado e por meio dele. Mas a França só pode ser salva por medidas drásticas, que exigem a dissolução do Estado...²

Apesar da inferioridade dos dois exércitos franceses, eles ainda foram capazes de deter o inimigo em outras partes da França e repelir os exércitos prussianos antes que estes se aproximassem das muralhas de Paris. Se o governo e as autoridades militares tivessem feito o que toda a imprensa francesa, desde o início da crise militar, os exortou a fazer; se, assim que a notícia da desastrosa derrota dos exércitos franceses chegou a Paris, em vez de proclamar o estado de sítio na capital e nos departamentos orientais, tivessem convocado levantes em massa em todos esses departamentos; se, em vez de restringir a luta aos dois exércitos, esses exércitos tivessem se tornado a base de sustentação para uma formidável insurreição de guerrilhas ou, se necessário, de bandidos; se os camponeses e os operários tivessem sido armados com fuzis em vez de foices; se os dois exércitos, deixando de lado toda a pompa e esnobismo militar, tivessem estabelecido relações fraternas com as inúmeras unidades de combate clandestinas... lutando juntos em solidariedade mesmo sem a ajuda da França desocupada, eles teriam sido capazes de salvar Paris. No mínimo, o inimigo teria sido barrado por tempo suficiente para permitir ao governo provisório que mobilizasse forças poderosas...

Para resumir os pontos principais: a maquinaria administrativa e governamental deve ser destruída de modo permanente e não substituída por outra. Dê total liberdade de iniciativa, movimento e organização a todas as províncias e a todas as comunas da França, o que equivale a dissolver o Estado e iniciar a Revolução Social...

É claro que, neste momento, Paris não pode se ocupar com a formulação e aplicação prática das ideias revolucionárias, deve concentrar todos os seus esforços e

recursos exclusivamente na defesa. Toda a população de Paris sitiada deve se organizar em um grande exército, disciplinado pelo senso comum de perigo e pelas necessidades de defesa — uma imensa cidade em guerra, determinada a lutar contra o inimigo em todos os pontos. Mas um exército não discute e teoriza. Não faz revolução, ele guerreia.

Paris, preocupada com a defesa, será absolutamente incapaz de liderar ou organizar o movimento revolucionário nacional. Se Paris fizesse uma tentativa tão ridícula e absurda, mataria toda a atividade revolucionária. Além disso, o resto da França, as províncias e as comunas seriam obrigados, no interesse supremo da salvação nacional, a desobedecer todas as ordens emitidas por Paris e a resistir a todas as tentativas de executá-las. A melhor e única coisa que Paris pode fazer, para se salvar, é proclamar e encorajar a absoluta autonomia e espontaneidade de todos os movimentos provinciais, e, caso Paris se esqueça ou negligencie fazê-lo por qualquer que seja o motivo, as províncias, a fim de salvar a França e a própria Paris, terão que se rebelar e se organizar espontaneamente independente de Paris.

É evidente por tudo isso que, se a França deve ser salva, isso exigirá levantes espontâneos em todas as províncias. Esses levantes são possíveis? Sim, se os trabalhadores das grandes cidades provinciais — Lyon, Marselha, Saint-Étienne, Rouen e muitas outras — tiverem sangue nas veias, cérebro na cabeça, energia no coração, e se não forem doutrinários, mas socialistas revolucionários. Apenas os trabalhadores nas cidades podem agora encabeçar o movimento para salvar a França. Diante do perigo mortal de dentro e de fora, a França pode ser salva somente por uma

espontânea, implacável, apaixonada, anárquica e destrutiva revolta das massas populares em toda a França.

Acredito que as únicas duas classes capazes agora de uma insurreição tão forte são os trabalhadores e os camponeses. Não se surpreenda que incluo os camponeses. Os camponeses, como outros franceses, agem mal, não porque sejam maus por natureza, mas porque são ignorantes. Intocados pelo excesso de indulgência e indolência, e apenas ligeiramente afetados pela influência perniciosa da sociedade burguesa, os camponeses ainda retêm sua energia nativa e hábitos simples e não sofisticados. É verdade que os camponeses, sendo pequenos proprietários de terras, são em grande medida egoístas e reacionários, mas isso não afetou seu ódio instintivo pelos “bons cavalheiros” fazendeiros, e eles odeiam os latifundiários burgueses, que gostam da generosidade da terra sem cultivá-la com as próprias mãos. De outro lado, o camponês é intensamente patriótico, isto é, ele é apaixonadamente ligado à sua terra, e penso que nada seria mais fácil do que voltá-lo contra o invasor estrangeiro.

É claro que, para conquistar os camponeses para o lado da Revolução, é necessário ter muita prudência; pois as ideias e a propaganda entusiasticamente aceitas pelos trabalhadores da cidade terão o efeito oposto sobre os camponeses. É essencial falar com os camponeses em uma linguagem simples, adequada aos seus sentimentos, seu nível de compreensão e consciente da natureza de seus preconceitos, inculcados pelos grandes latifundiários, pelos padres e pelos funcionários do Estado. Onde o imperador Napoleão III é amado, quase adorado, pelos camponeses, não se deve suscitar antagonismo ao atacá-lo. É necessário minar de fato e não em palavras a autoridade

do Estado e do Imperador, minando o sistema através do qual eles exercem influência. Na medida do possível, os funcionários do imperador — os prefeitos, juizes de paz, padres, polícia rural e oficiais semelhantes devem ser desacreditados.

É necessário dizer aos camponeses que os prussianos devem ser expulsos da França (o que eles provavelmente sabem sem que lhes seja dito) e que eles devem se armar e organizar unidades de guerrilha voluntária e atacar os prussianos. Mas devem primeiro seguir o exemplo dado pelas cidades, que é livrar-se de todos os parasitas e guardas civis contrarrevolucionários; entregar a defesa das cidades às milícias armadas do povo; confiscar terras do Estado e da Igreja e as propriedades dos latifundiários para redistribuição pelos camponeses; suspender todas as dívidas públicas e privadas... Além disso, antes de marchar contra os prussianos, os camponeses, como os trabalhadores da cidade industrial, devem se unir federando os batalhões de luta, distrito por distrito, garantindo assim uma defesa coordenada comum contra inimigos internos e externos.

Esta, em minha opinião, é a maneira mais eficaz de lidar com o problema do camponês; pois enquanto defendem a terra estão, ao mesmo tempo, inconscientemente, mas efetivamente, destruindo as instituições estatais enraizadas nas comunas rurais e, portanto, estão fazendo a Revolução Social.

Não estou nem um pouco perturbado com as aparentes simpatias bonapartistas dos camponeses franceses. Essas simpatias são apenas uma manifestação superficial de profundos sentimentos socialistas, distorcidos pela ignorância e pela propaganda malévola dos exploradores; uma erup-

ção de sarampo, que cederá ao tratamento determinado do socialismo revolucionário. Os camponeses não doarão suas terras, nem seu dinheiro, nem suas vidas apenas para manter Napoleão III em seu trono; mas estão dispostos a matar os ricos e a tomar e dar suas propriedades ao Imperador porque odeiam os ricos em geral. Eles abrigam o ódio socialista completo e intenso dos trabalhadores contra os homens ociosos, a “crosta superior”. Lembrome de um trágico incidente, em que os camponeses da comuna de Dordogne queimaram um jovem proprietário de terras aristocrático. A confusão começou quando um camponês disse: “Ah! nobre senhor, você fica confortável e pacificamente em casa porque você é rico; você tem dinheiro e vamos enviar sua riqueza aos pobres e usá-la para a guerra. Muito bem, vamos até a sua casa e vejamos o que podemos encontrar lá!” Nessas poucas palavras podemos ver a expressão viva do tradicional rancor do camponês contra o rico latifundiário, mas de forma alguma o desejo fanático de se sacrificar e matar pelo Imperador; pelo contrário, eles tentam naturalmente escapar do serviço militar.

Esta não é a primeira vez que um governo explora para seus próprios fins o ódio legítimo dos camponeses pelos ricos proprietários de terras e pela burguesia urbana. Por exemplo, no final do século XVIII, o Cardeal Ruffo, de memória sangrenta, incitou uma insurreição dos camponeses da Calábria contra o recém-instalado governo liberal republicano de Nápoles. Os camponeses da Calábria começaram a saquear os castelos, as propriedades e as mansões dos burgueses ricos da cidade, mas nada tiraram do povo. Em 1846, os agentes do Príncipe Metternich arquitetaram uma insurreição dos camponeses da Galícia contra os

poderosos aristocratas e proprietários de terras poloneses, que tramavam uma insurreição nacionalista; e antes disso, a Imperatriz Catarina, a Grande, da Rússia encorajou os camponeses ucranianos a matar milhares de nobres poloneses. Finalmente, em 1786, o governo russo organizou uma “jacquerie” (revolta camponesa) na Ucrânia contra os patriotas poloneses, a maioria deles nobres.

Você vê, então, que os governantes, esses guardiões oficiais da ordem pública, da propriedade e da segurança pessoal, não tinham escrúpulos em usar esses métodos enganosos quando eram adequados aos seus propósitos. Os camponeses se tornam revolucionários pela necessidade, pelas intoleráveis realidades de suas vidas; seus ódios violentos, suas paixões socialistas foram exploradas, desviadas ilegítimamente para apoiar os reacionários. E nós, os socialistas revolucionários, não poderíamos dirigir essas mesmas paixões para seu verdadeiro fim, para um objetivo em perfeita harmonia com as necessidades profundas que despertaram essas paixões? Repito, esses instintos são profundamente socialistas porque expressam o conflito irreprimível entre os trabalhadores e os exploradores do trabalho, e a própria essência do socialismo, o núcleo interno real e natural de todo socialismo, está aí. O resto, os diferentes sistemas de organização econômica e social são apenas experimentais, provisórios, mais ou menos científicos e, — infelizmente muitas vezes demasiado doutrinários —, manifestações deste instinto primitivo e fundamental do povo.

Se realmente queremos ser práticos; se, cansados de sonhar acordados, queremos promover a Revolução; devemos nos livrar de uma série de preconceitos burgueses dogmáticos que infelizmente ecoam em muitos trabalha-

dores da cidade. Porque o trabalhador da cidade é mais informado do que o camponês, ele frequentemente considera os camponeses inferiores e fala com eles como um burguês esnobe. Mas nada enfurece mais as pessoas do que o escárnio e o desprezo, e o camponês reage às zombarias do trabalhador da cidade com ódio amargo. Isso é muito lamentável, pois esse desprezo e ódio dividem o povo em dois campos antagônicos, cada um paralisando e minando o outro. Na verdade, não há conflito de interesses real entre esses dois campos; há apenas um abismo imenso e trágico que deve ser transposto a todo custo.

Quanto mais sofisticado — e por essa mesma circunstância, um socialismo ligeiramente aburguesado dos trabalhadores da cidade entende mal, despreza e desconfia do vigoroso socialismo camponês primitivo e tenta obscurecê-lo. Essa falta de comunicação é responsável pela densa ignorância do socialismo urbano tão prevalente entre os camponeses, que não conseguem distinguir entre esse socialismo e o caráter burguês das cidades. Os camponeses consideram os trabalhadores da cidade como lacaios desprezíveis da burguesia; esse ódio torna os camponeses instrumentos cegos de reação.

Tal é o antagonismo fatal que até agora paralisou as forças revolucionárias da França e da Europa. Todos os que estão seriamente preocupados com o triunfo da Revolução Social devem primeiro se esforçar para eliminar esse antagonismo. Visto que o distanciamento entre os dois campos se deve apenas a mal-entendidos, um deles deve tomar a iniciativa de efetuar uma reconciliação. Os trabalhadores da cidade devem primeiro se perguntar o que eles têm contra os camponeses. Quais são suas queixas?

Existem três queixas. A primeira é que os camponeses são ignorantes, supersticiosos e fanaticamente religiosos e permitem que os padres os conduzam pelo nariz. A segunda é que eles são zelosamente devotados ao seu imperador. A terceira é que os camponeses são defensores obstinados da propriedade individual.

É verdade que os camponeses são extremamente ignorantes. Mas isso é culpa deles? Alguém já tentou providenciar escolas para eles? Isso é uma razão para desprezá-los e maltratá-los? Se assim fosse, os burgueses, que são muito mais instruídos que os trabalhadores industriais, teriam o direito de maltratar os operários. Conhecemos muitos burgueses que dizem exatamente isso, com o pretexto de que sua educação superior lhes dá o direito de dominar os trabalhadores da cidade e que esses trabalhadores são obrigados a reconhecer seu direito de fazê-lo. A superioridade dos trabalhadores sobre a burguesia não está em sua educação, que é pequena, mas em seus sentimentos humanos e em sua concepção realista e altamente desenvolvida do que é justo. Mas os camponeses não têm esse sentimento de justiça? Olhe cuidadosamente: embora eles expressem de muitas maneiras diferentes, você descobrirá que eles são dotados do mesmo sentimento pelo que é certo. Você verá que ao lado de sua ignorância há um bom senso inato, uma habilidade admirável, e é essa capacidade para o trabalho honesto que constitui a dignidade e a salvação do proletariado.

Os camponeses, você diz, são supersticiosos, fanaticamente religiosos e controlados por seus sacerdotes. Essa superstição se deve à sua ignorância, artificial e sistematicamente implantada por todos os governos burgueses.

Além disso, os camponeses não são tão supersticiosos e religiosos como você imagina; apenas suas esposas são assim. Mas as esposas dos trabalhadores da cidade estão realmente mais liberadas das superstições e das doutrinas da religião católica romana? Quanto aos sacerdotes, sua influência não é de modo algum tão grande como geralmente se supõe. Os camponeses defendem a Igreja da boca para fora para evitar brigas domésticas e somente se sua adesão formal não conflitar, de forma alguma, com seus interesses materiais. Apesar das maldições frenéticas da Igreja, a superstição religiosa dos camponeses não os impediu, em 1789, de comprar propriedades da Igreja que haviam sido confiscadas pelo Estado. Donde concluímos que, para erradicar a influência dos sacerdotes nas áreas rurais, a revolução só tem que fazer uma coisa: colocar os interesses materiais dos camponeses em direta e intensa oposição aos interesses vitais da Igreja.

Sempre me irrita ouvir não só os jacobinos revolucionários, mas também os socialistas iluminados da escola de Blanqui, e até mesmo alguns de nossos amigos íntimos, indiretamente influenciados pelos blanquistas, propagando a ideia completamente antirrevolucionária de que será necessário no futuro decretar a abolição de todos os cultos religiosos e a expulsão violenta de todos os sacerdotes. Sinto-me assim porque sou antes de tudo um inimigo absoluto da revolução por decreto, que deriva da ideia de Estado revolucionário, ou seja, reação disfarçada de revolução. Ao sistema de revolução por decreto, contraponho a ação revolucionária, o único programa consistente, verdadeiro e eficaz. O sistema autoritário de decretos na tentativa de impor a liberdade e a igualdade oblitera a ambos. O sistema anarquista de atos e ações revolucionárias natu-

ral e infalivelmente evoca a emergência e o florescimento da liberdade e da igualdade, sem qualquer necessidade de violência institucionalizada ou autoritarismo. O sistema autoritário leva necessariamente ao triunfo da reação nua e crua. O segundo sistema erguerá a Revolução sobre alicerces naturais e inabaláveis.

A título de ilustração, sustentamos que se a abolição dos cultos religiosos e a expulsão dos sacerdotes for decretada por lei, até os camponeses menos religiosos virão em sua defesa, principalmente porque há nos homens um impulso inato irresistível — a fonte de toda liberdade — para rebelar-se contra qualquer medida arbitrária, mesmo que imposta em nome da liberdade. Você pode, portanto, estar inteiramente certo de que se as cidades cometerem a colossal loucura de decretar o extermínio dos cultos religiosos e o banimento dos padres, os camponeses se revoltarão em massa contra as cidades e se tornarão uma arma terrível nas mãos da reação. Mas isso significa que os sacerdotes devem ser deixados em plena posse de seu poder? De jeito nenhum! Eles devem ser combatidos não porque são ministros da religião católica romana, mas porque são agentes da Prússia ou dos ricos. Nas áreas rurais, assim como nas cidades, nenhuma autoridade revolucionária, nem mesmo os Comitês Revolucionários de Segurança Pública, deve atacar os padres. Isso deve ser feito apenas pelo próprio povo: os trabalhadores nas cidades e os camponeses no campo devem tomar a ofensiva contra os sacerdotes. As autoridades revolucionárias podem ajudá-los indiretamente, defendendo seu direito de fazê-lo, ostensivamente em respeito à liberdade de consciência. Vamos, pelo menos até certo ponto, adotar as táticas prudentes de nossos adversários. Veja, por exemplo, como todo governo

apoia a liberdade com palavras, mas é ao mesmo tempo reacionário nos atos. Que as autoridades revolucionárias dispensem as frases violentas; mas, embora usando uma linguagem tão moderada quanto possível, que ao mesmo tempo ajam e façam a revolução.

Em todas as terras, as revoluções autoritárias sempre se comportaram de maneira totalmente diferente. Embora na maioria das vezes tenham sido ultrarrevolucionárias nas palavras, elas foram ao mesmo tempo muito moderadas, senão inteiramente reacionárias, nos atos. Pode-se até dizer que sua linguagem bombástica tem sido usada, na maioria dos casos, como máscara para enganar o povo, para esconder a escassez de suas ideias e a inconsistência de seus atos. Há homens, muitos deles entre a chamada burguesia revolucionária, que ao murmurar palavras de ordem revolucionárias, pensam que estão fazendo a Revolução. Sentindo que assim cumpriram adequadamente suas obrigações revolucionárias, eles agora passam a ser descuidados na ação e, em flagrante contradição com os princípios, cometem o que na verdade são atos totalmente reacionários. Nós, que somos verdadeiramente revolucionários, devemos nos comportar de maneira totalmente diferente. Vamos falar menos sobre revolução e fazer muito mais. Que outros se preocupem com o desenvolvimento teórico dos princípios da Revolução Social, enquanto nós nos contentamos em difundir esses princípios por toda parte, encarnando-os em fatos.

Meus amigos íntimos e aliados, membros da Aliança, provavelmente ficarão surpresos que eu fale assim — eu, que tenho estado tão preocupado com a teoria, que tenho sido o tempo todo um guardião ciumento e vigilante dos princípios revolucionários. Ah! Como os tempos

mudaram! Então, não faz exatamente um ano, estávamos apenas nos preparando para uma revolução, que alguns esperavam mais cedo e outros mais tarde; mas agora até os cegos podem dizer que estamos no meio de uma revolução. Então, era absolutamente necessário salientar princípios teóricos, para expor claramente esses princípios e em toda a sua pureza, e assim construir um partido que, embora pequeno em número, seria composto por homens sinceros, plena e apaixonadamente dedicados a esses princípios, para que em tempos de crise cada um pudesse contar com a solidariedade de todos os outros.

Mas agora é tarde demais para se concentrar na inscrição de novos homens em tal organização. Para melhor ou pior, nós temos construído um pequeno partido: pequeno, no número de homens que se juntaram a ele com pleno conhecimento do que defendemos; imenso, se levarmos em conta aqueles que instintivamente se relacionam conosco, se levarmos em conta as massas populares, cujas necessidades e aspirações refletimos mais verdadeiramente do que qualquer outro grupo. Todos nós devemos agora embarcar em mares revolucionários tempestuosos e, a partir deste momento, devemos espalhar nossos princípios, não com palavras, mas com ações, pois esta é a mais popular, mais potente e mais irresistível forma de propaganda. Falemos menos sobre os princípios, sempre que as circunstâncias e a política revolucionária o exijam — isto é, em meio à nossa fraqueza momentânea em relação ao inimigo —, mas sejamos, em todos os momentos e sob todas as circunstâncias, inflexivelmente consistentes em nossa ação. Pois nisso reside a salvação da revolução.

Em todo o mundo, os revolucionários autoritários fizeram muito pouco para promover a atividade revolu-

cionária, principalmente porque sempre quiseram fazer a revolução por si mesmos, por sua própria autoridade e seu próprio poder. Isso não poderia deixar de restringir severamente o âmbito da ação revolucionária, porque é impossível, mesmo para o revolucionário autoritário mais enérgico e realizador, compreender e lidar efetivamente com todos os múltiplos problemas gerados pela Revolução. Pois toda ditadura, seja ela exercida por um indivíduo ou de forma coletiva por relativamente poucos indivíduos, é necessariamente muito circunscrita, muito míope, e sua percepção limitada não pode, portanto, penetrar nas profundezas e abranger toda a gama complexa da vida popular; assim como é impossível, mesmo para o navio mais gigantesco, conter as profundezas e a vastidão do oceano....

O que as autoridades revolucionárias — e deve haver o mínimo possível delas — devem fazer para organizar e difundir a Revolução? Elas devem promover a Revolução não emitindo decretos, mas agitando as massas à ação. Elas não devem, sob nenhuma circunstância, impor qualquer organização artificial sobre as massas. Pelo contrário, devem promover a auto-organização das massas em corpos autônomos, federados de baixo para cima. Isso poderia ser feito ganhando a cooperação dos indivíduos mais influentes, mais inteligentes e mais dedicados de cada localidade, para garantir que essas organizações, na medida do possível, estejam em conformidade com nossos princípios. Aí reside o segredo do nosso triunfo.

Quem pode duvidar que a Revolução enfrentará muitos problemas difíceis? Você acha que uma revolução é brincadeira de criança, que não terá de superar inúmeros obstáculos? Os socialistas revolucionários de nossos dias

não devem seguir o padrão estabelecido pelos revolucionários jacobinos de 1793. Muito poucas, se é que há alguma, de suas táticas merecem ser imitadas. A rotina revolucionária iria arruiná-los. Eles devem criar tudo de novo e basear suas políticas e atividades em experiências de vida.

Como já disse, não estou nem um pouco alarmado com o apego platônico dos camponeses ao imperador Napoleão III. Este apego é apenas uma expressão negativa de seu ódio pela nobreza latifundiária e pela burguesia das cidades; não precisa necessariamente dificultar o desenvolvimento da Revolução Social.

A última reclamação principal do proletariado da cidade contra os camponeses diz respeito à sua avareza, ao seu egoísmo desenfreado e ao seu compromisso fanático com a propriedade individual da terra. Os operários que repreendem os camponeses por todas essas faltas devem primeiro refletir e se perguntar: quem não é egoísta? Quem na sociedade atual não é avarento, no sentido de que se agarra apaixonadamente à pequena propriedade que conseguiu juntar, para que ele e seus entes queridos não morram de fome e privação na selva econômica desta sociedade impiedosa? É verdade que os camponeses não são comunistas. Eles odeiam e temem aqueles que aboliriam a propriedade privada, porque têm algo a perder — ao menos, em sua imaginação, e a imaginação é um fator muito potente, embora geralmente subestimado hoje em dia. A grande maioria dos trabalhadores da cidade, não possuindo qualquer propriedade, é incomensuravelmente mais inclinada ao comunismo do que os camponeses. Nada é mais natural; o comunismo de um é tão natural quanto o individualismo do outro, mas isso não é motivo para elogiar os trabalhadores por suas inclinações comu-

nistas, nem para censurar os camponeses por seu individualismo. As ideias e as paixões de ambos são condicionadas por seus ambientes diferentes. Além disso, todos os trabalhadores da cidade são comunistas?

Não faz sentido exaltar ou denegrir os camponeses. Trata-se de estabelecer um programa de ação que supere o individualismo e o conservadorismo dos camponeses, e não só impeça que seu individualismo os empurre para o campo da reação, mas permita que esse individualismo sirva e assegure o triunfo da Revolução.

Lembrem-se, meus queridos amigos, e repitam para si mesmos cem, mil vezes por dia, que o triunfo ou a derrota da Revolução depende do estabelecimento deste programa de ação.

Você concordará comigo que já é tarde demais para converter os camponeses pela propaganda teórica. Resta então, além do que já sugeri, esta tática única: o terrorismo das cidades contra o campo. Este é o método por excelência defendido pelos nossos queridos amigos, os trabalhadores das grandes cidades da França, que não percebem que esta tática revolucionária — eu estava prestes a dizer reacionária — foi tirada do arsenal revolucionário do jacobinismo, e que se alguma vez tiverem o infortúnio de usá-la, eles destruirão não só a si próprios, mas, o que é muito pior, a própria Revolução. Pois qual seria a consequência inevitável e fatal de tal política? Toda a população rural, dez milhões de trabalhadores braçais, passaria para o outro lado das barricadas, e essas massas incontáveis e invencíveis reforçariam os exércitos da reação.

Visto deste e de outros ângulos, considero a invasão prussiana como uma mostra de boa sorte para a França

e para a revolução mundial. Se essa invasão não tivesse ocorrido, e se a revolução na França fosse feita sem ela, os próprios socialistas franceses teriam tentado mais uma vez — e desta vez por conta própria — encenar uma revolução de estado, um golpe, (*coup d'état*). Isso seria absolutamente ilógico, seria fatal para o socialismo; mas eles certamente teriam tentado fazê-lo, tão profundamente influenciados pelos princípios do jacobinismo. Consequentemente, entre outras medidas de segurança pública decretadas por uma convenção de delegados das cidades, eles sem dúvida tentariam impor o comunismo ou o coletivismo aos camponeses. Isso desencadearia uma rebelião armada, que seria obrigada a depender de um exército imenso, bem disciplinado e bem organizado. Como resultado, os governantes socialistas não apenas dariam outro exército de camponeses rebeldes à reação, mas também engendrariam a formação de uma casta militarista reacionária de generais sedentos de poder dentro de suas próprias fileiras. Assim reabastecida, a maquinaria do Estado logo teria que ter um líder, um ditador, um imperador, para dirigir essa máquina. Tudo isso seria inevitável, pois não nasce do capricho de um indivíduo, mas da lógica da situação, uma lógica que nunca erra.

Felizmente, os próprios acontecimentos agora forçarão os trabalhadores urbanos a abrir os olhos e rejeitar esse procedimento fatal copiado dos jacobinos. Sob as circunstâncias prevaletentes, apenas os loucos sonhariam em desencadear um reinado de terror contra o campo. Se o campo se levantasse contra as cidades, as cidades, e a França com elas, estariam perdidas. Isso é compreendido pelas massas trabalhadoras de Lyon, Marselha e outras grandes cidades da França; de fato, isso explica em parte

sua incrível e vergonhosa apatia nesta terrível crise, quando apenas os esforços combinados de todos os habitantes da França podem salvar o país e, com ele, o socialismo francês.³ Os trabalhadores franceses perderam sua impetuosidade latina. A partir de agora, eles têm tolerado pacientemente seus sofrimentos. Além disso, seus ideais, suas esperanças, seus princípios, suas imaginações política e social, seus planos e projetos práticos — que sonhavam pôr em prática num futuro próximo — tudo isso veio mais de livros, de teorias atuais incessantemente discutidas, do que de seus próprios pensamentos espontâneos derivados de sua experiência de vida concreta. Eles viram os fatos de sua vida diária em termos abstratos e perderam a faculdade de extrair inspiração e ideias das situações reais que enfrentam. Suas ideias são baseadas em uma teoria particular, tradicional e acriticamente aceita, com plena confiança em sua validade. E essa teoria visa nada mais que o sistema político dos jacobinos, um tanto modificado para se adequar aos socialistas revolucionários. Esta teoria da revolução está agora completamente falida, pois sua base, o poder do Estado, colapsou. Nessas circunstâncias, o uso de métodos terroristas contra os camponeses, como defendido pelos jacobinos, está absolutamente fora de questão. E os trabalhadores da França, desconhecendo qualquer alternativa, estão desorientados e confusos. Eles dizem, não sem razão, que é impossível desencadear um reinado legal e oficial de terror e instituir medidas draconianas contra os camponeses; que é impossível estabelecer um Estado revolucionário, um comitê central de salvação pública para toda a França, em um momento em que o invasor estrangeiro não está na fronteira, como em 1792, mas no próprio coração da França, a poucos passos

de Paris. Vendo o colapso de todo o aparato oficial, eles sentem, com razão, que seria inútil criar outro. E esses revolucionários, incapazes de entender como a salvação da França é possível sem o Estado, esses campeões do povo, não tendo a menor concepção do tremendo poder dinâmico do que os estatistas de todas as cores, do branco ao vermelho, chamam desdenhosamente de “anarquia”, cruzam os braços e exclamam: “Estamos perdidos, a França está condenada”.

Mas, meus queridos amigos, nós não estamos perdidos. A França pode ser salva pela anarquia.

Solte essa anarquia em massa, tanto no campo como nas cidades, agrave-a até que ela inche como uma furiosa avalanche destruindo e devorando tudo em seu caminho, tanto os inimigos internos quanto os prussianos. Esta é uma medida ousada e desesperada, eu sei. Mas é a única alternativa viável. Sem ela, não há salvação para a França. Todos os meios comuns falharam, resta apenas a energia primitiva feroz do povo francês, que agora deve escolher entre a escravidão da civilização burguesa e a política e primitiva ferocidade do proletariado.

Nunca acreditei que os operários das cidades, mesmo nas condições mais favoráveis, serão algum dia capazes de impor o comunismo ou o coletivismo aos camponeses; e nunca acreditei neste método de trazer o socialismo, porque abomino todo sistema imposto e porque sou um amante sincero e apaixonado da liberdade. Essa falsa ideia e essa esperança mal concebida são destrutivas da liberdade e constituem a falácia fundamental do comunismo autoritário. Pois a imposição da violência, sistematicamente organizada, leva à restituição do princípio da autoridade e

torna necessário o Estado e suas camadas privilegiadas. O coletivismo só poderia ser imposto sobre escravos, e esse tipo de coletivismo seria então a negação da humanidade. Em uma comunidade livre, o coletivismo só pode surgir por pressão das circunstâncias, não por imposição de cima, mas por um movimento livre e espontâneo de baixo, e somente quando as condições de individualismo privilegiado, apoiado ou subsidiado pelo Estado, a política do Estado, os códigos penal e civil, a família jurídica e a lei da herança, forem varridos pela revolução...

Quais são as principais queixas dos camponeses, as principais causas de seu ódio taciturno e profundo pela cidade? São elas:

Os camponeses se sentem desprezados pelos trabalhadores da cidade.

Os camponeses imaginam, não sem muitas e boas razões, e muitos exemplos históricos para apoiar sua visão, que as cidades querem explorá-los e forçá-los a aceitar um sistema político que eles abominam.

Além disso, os camponeses pensam que os trabalhadores da cidade favorecem a coletivização da propriedade e temem que os socialistas confisquem suas terras, que eles amam acima de tudo.

O que os trabalhadores da cidade devem fazer para superar a desconfiança e a animosidade dos camponeses? Eles devem, antes de tudo, abandonar sua atitude insolente. Isso é absolutamente necessário para a salvação da Revolução e para os próprios trabalhadores, pois o ódio dos camponeses constitui um perigo imenso. Não fosse por essa desconfiança e ódio, a Revolução teria tido suces-

so há muito tempo, pois é a animosidade entre a cidade e a terra que em todos os países sustenta a reação e é sua principal base de suporte. Os trabalhadores da cidade devem superar seus preconceitos anti-camponeses não apenas no interesse da Revolução, ou por razões estratégicas, mas como um ato de justiça elementar. Não há justificativa para esses preconceitos. Os camponeses não são parasitas; eles também são trabalhadores árduos, exceto que trabalham sob condições diferentes. Os trabalhadores da cidade que são explorados pelos senhores burgueses devem perceber que os camponeses, que também são explorados, são seus irmãos.

Tenha isso em mente. O camponês odeia todos os governos e obedece às leis apenas porque é prudente fazê-lo. Ele paga seus impostos regularmente e tolera o alistamento de seus filhos no exército apenas porque não vê alternativa. E é avesso à mudança, porque pensa que os novos governos, independentemente das suas formas e programas, não serão melhores do que os seus antecessores, e porque quer evitar os riscos e despesas envolvidos no que pode muito bem ser uma mudança inútil ou até mais prejudicial.

O camponês só fará causa comum com os trabalhadores da cidade quando tiver certeza de que estes não vão lhe impingir seu sistema político e social, alegadamente em seu benefício. Ele se tornará um aliado assim que estiver convencido de que os operários da indústria não forçarão a entrega de suas terras ao Estado.

E quando os operários, abandonando o pretensioso e pedante vocabulário do socialismo doutrinário, eles próprios inspirados pelo fervor revolucionário, chegam aos camponeses e explicam em linguagem simples, sem eva-

sivas e frases pomposas, o que querem; quando chegam às aldeias do campo, não como preceptores e instrutores presunçosos, mas como irmãos e iguais, tentando espalhar a Revolução, mas não impô-la aos trabalhadores da terra; quando queimam todos os documentos oficiais, sentenças, ordens judiciais e títulos de propriedade, e abolem alugueis, dívidas privadas, hipotecas, livros de direito penal e civil etc... Quando esta montanha de velhos papéis inúteis, simbolizando a pobreza e a escravidão do proletariado, pegar fogo — então, você pode ter certeza, os camponeses entenderão e se juntarão a seus companheiros revolucionários, os trabalhadores da cidade.

O que dá aos trabalhadores urbanos o direito de impor aos camponeses sua forma preferida de governo ou sistema econômico? Eles reivindicam que a Revolução lhes dá esse direito. Mas a revolução não é mais revolução quando se torna despótica e quando, em vez de promover a liberdade, gera reação.

O objetivo imediato, senão o último, da Revolução é a extirpação do princípio da autoridade em todas as suas manifestações possíveis; este objetivo exige a abolição e, se necessário, a destruição violenta do Estado, porque o Estado, como Proudhon tão bem demonstrou, é o irmão mais novo da Igreja, é a consagração histórica de todo despotismo e de todo privilégio, a razão política para toda servidão econômica e social, a própria essência e centro de toda reação. Quem quiser, em nome da Revolução, estabelecer um Estado — mesmo um Estado provisório — estabelece reação e trabalha pelo despotismo, não pela liberdade; por privilégio, não por igualdade.

De onde os socialistas franceses tiraram a ideia absurda, arrogante e injusta de que têm o direito de desprezar a vontade de dez milhões de camponeses e impor-lhes seu sistema político e social? Qual é a justificativa teórica para esse direito fictício? Este alegado direito, na verdade, é outro dom burguês, uma herança política do revolucionismo burguês. E se baseia na suposta ou real superioridade da inteligência e da educação, ou seja, a alegada superioridade da civilização urbana sobre a rural. Mas você deve perceber que este princípio pode ser facilmente invocado para justificar toda conquista e consagrar toda opressão. A burguesia sempre usou este princípio para provar que é sua missão exclusiva e seu direito exclusivo de governar (ou o que dá no mesmo), de explorar todos os trabalhadores. Em conflitos entre nações, bem como entre classes, este princípio fatal sanciona toda autoridade invasora. Os alemães não invocaram repetidamente esse princípio para desculpar suas investidas contra a liberdade e independência dos eslavos e de outros povos e para legitimar sua germanização violenta e imposta? Não foi a sua afirmação de que tal subjugação é o triunfo da civilização sobre a barbárie?

Cuidado! Os alemães já estão dizendo que a civilização protestante alemã é muito superior à civilização católica dos povos latinos em geral e à civilização francesa em particular. Fique atento! Os alemães podem em breve se sentir moralmente obrigados a civilizá-lo, assim como você agora nos diz que tem o dever de civilizar e emancipar à força seus conterrâneos, seus irmãos: os camponeses franceses. Para mim, ambas as reivindicações são igualmente odiosas, e declaro abertamente que nas relações entre as nações, como nas relações entre as classes, estarei sem-

pre do lado daqueles que você pretende civilizar por meio desses métodos tirânicos. Vou me juntar a eles na rebelião contra todos esses civilizadores arrogantes, sejam eles trabalhadores ou alemães; e ao fazê-lo, servirei à Revolução contra a reação.

Sendo este o caso, serei perguntado então: temos, então, que abandonar os camponeses ignorantes e supersticiosos à reação? De jeito nenhum!! A reação deve ser extirpada tanto no país como nas áreas rurais. Então, será dito: para fazer isso, não é suficiente dizer que queremos destruir a reação; deve ser eliminada, e isso só pode ser realizado por decretos. Novamente eu digo, de jeito nenhum!! Ao contrário, e toda a história o prova, os decretos, como toda autoridade em geral, nada abolem; eles apenas perpetuam aquilo que deveriam destruir.

O que, então, deve ser feito? Como a revolução não pode ser imposta às áreas rurais, deve ser germinada nas comunidades agrícolas, estimulando um movimento revolucionário dos próprios camponeses, incitando-os a destruir, por ação direta, todas as instituições políticas, judiciais, civis e militares, e a estabelecer e organizar a anarquia em todo o campo.

Isso só pode ser feito de uma maneira, falando aos camponeses de um jeito que os impulse na direção de seus próprios interesses. Eles amam a terra? Deixe-os tomar a terra e expulsar os proprietários que vivem do trabalho dos outros!! Eles não gostam de pagar hipotecas, impostos, aluguéis e dívidas privadas? Deixe-os parar de pagar!! E, por último, eles odeiam o recrutamento? Não os force a se juntar ao exército!!

E quem vai lutar contra os prussianos? Você não precisa se preocupar com isso. Uma vez que os camponeses estejam despertos e realmente vejam as vantagens da Revolução, eles voluntariamente darão mais dinheiro e mais homens para defender a Revolução do que seria possível extrair deles por medidas oficiais compulsórias. Os camponeses, como fizeram em 1792, repelirão novamente os invasores prussianos. É necessário apenas que eles tenham a oportunidade de levantar o inferno, e somente a revolução anarquista pode inspirá-los a fazê-lo.

Mas a instituição da propriedade privada não ficará ainda mais firmemente arraigada quando os camponeses dividirem as terras expropriadas da burguesia? Não, pois com a abolição do Estado e de todas as suas instituições jurídicas, junto com a família legal e a lei de herança — tudo isso será varrido no turbilhão da revolução anarquista — a propriedade não será mais protegida e sancionada pelo Estado. Não haverá direitos políticos nem jurídicos; haverá apenas fatos revolucionários estabelecidos.

Você perguntará: uma vez que a propriedade privada da terra não será mais protegida pelo Estado ou qualquer outro poder externo e será defendida apenas pelos proprietários, será que todo homem agarrará o que pode do outro e o forte roubará o fraco? Além disso, o que impedirá os fracos de se unirem para pilhar o outro proprietário de terra? “Não há como sair disso”, você exclamará. “Isso significa guerra civil!”

Sim, haverá guerra civil. Mas por que ter tanto medo da guerra civil? Tendo em mente as evidências históricas, eu pergunto, grandes ideias, grandes personalidades e grandes nações surgiram da guerra civil ou de uma ordem

social imposta por algum governo tutelar? Tendo sido poupada da guerra civil por mais de vinte anos, você, uma grande nação, não caiu agora tão baixo que os prussianos poderiam devorá-la de uma só vez?

A guerra civil, tão destrutiva para o poder dos Estados, é, pelo contrário, e por isso mesmo, sempre favorável ao despertar da iniciativa popular, e aos interesses intelectuais, morais e mesmo materiais da população. E por uma razão muito simples: a guerra civil perturba e sacode as massas de seu melindre de cordeiro, uma condição muito cara a todos os governos, uma condição que transforma os povos em rebanhos para serem utilizados e tosquiados aos caprichos de seus pastores. A guerra civil rompe a monotonia brutalizante da existência diária dos homens e interrompe a rotina mecanicista que lhes rouba o pensamento criativo ...

Deseja ver dez milhões de camponeses unidos contra você numa única, sólida e unânime massa, incensados com o ódio que os seus decretos e a violência revolucionária suscitaram? Ou você prefere uma clivagem, uma divisão em suas fileiras, a ser aberta pela revolução anarquista; uma que lhe permitirá exercer influência e construir uma poderosa base de apoio entre os camponeses? Você não percebe que os camponeses estão atrasados, precisamente por que não foram sacudidos de seu torpor por uma guerra civil que teria despertado contendidas nas estagnadas aldeias rurais? Massas compactas são rebanhos humanos, pouco suscetíveis ao desenvolvimento da influência de ideias e propaganda. Guerra civil, ao contrário, cria diversidade de ideias, interesses e aspirações. Aos camponeses não faltam nem sentimento humanitário nem o ódio ina-

to à injustiça; o que falta é espírito revolucionário e determinação. A guerra civil lhes dará esse espírito.

A guerra civil tornará todo o campo receptivo à sua propaganda socialista revolucionária. Vocês terão criado, repito, o que nunca tiveram — um partido que, em grande escala, pode organizar o verdadeiro socialismo, uma sociedade coletiva, animada pela mais completa liberdade. Vocês o organizarão de baixo para cima, encorajando a ação espontânea dos próprios camponeses de acordo com esses preceitos.

Não temam que a guerra civil, ou seja, a anarquia, devastará o campo. Há em cada sociedade humana um forte instinto de autopreservação, uma poderosa inércia coletiva que a protege da auto aniquilação, e é precisamente esta inércia que explica o lento e difícil progresso da Revolução. Sob o peso mortífero do Estado, a sociedade europeia, tanto no campo como nas cidades (embora mais ainda no campo), perdeu hoje todo o seu vigor, toda a espontaneidade de pensamento e ação, e se esta situação continuar por mais algumas décadas, a sociedade europeia pode definhir.

Não temam que os camponeses se massacrem uns aos outros, a menos que sejam restringidos pelas autoridades públicas e pelo respeito ao direito penal e civil. Eles podem começar nessa direção, mas perceberão rapidamente que é econômica e fisicamente impossível persistir fazendo isso. Eles então vão parar de lutar uns contra os outros, chegarão a um entendimento e formarão algum tipo de organização para evitar conflitos futuros e promover seus interesses mútuos. A necessidade primordial de alimentar a si e às suas famílias (e, portanto, de retomar

o cultivo de suas terras), a necessidade de defender suas casas, suas famílias e suas próprias vidas contra os ataques imprevistos — todas essas considerações, sem dúvida, em breve os obrigarão a celebrar novos acordos mutuamente adequados.

E não pensem que, como esses arranjos serão feitos pela pressão das circunstâncias e não por decretos oficiais, os camponeses mais ricos exercerão uma influência excessiva. Não sendo mais protegidos pela lei, a influência dos grandes latifundiários será minada. Estes são poderosos apenas porque são protegidos pelo Estado, e uma vez abolido o Estado, o seu poder também desaparecerá. Quanto aos camponeses mais astutos e relativamente abastados, seu poder será anulado com sucesso pela grande massa de camponeses pequenos e mais pobres e, também, pelos trabalhadores agrícolas sem terra. Este grupo, uma massa escravizada forçada a sofrer em silêncio, será regenerado e potencializado pela anarquia revolucionária.

Em suma, não digo que os camponeses, livremente reorganizados de baixo para cima, criarão milagrosamente uma organização ideal, em conformidade com todos os aspectos com os nossos sonhos. Mas estou convencido de que o que eles constroem será vivo e vibrante, mil vezes melhor e mais justo do que qualquer organização existente. Além disso, esta organização camponesa, de um lado, aberta à propaganda revolucionária das cidades, e de outro, não petrificada pela intervenção do Estado — pois não haverá Estado — se desenvolverá e se aperfeiçoará através da livre experimentação tão completamente como se pode razoavelmente esperar em nossos tempos.

Com a abolição do Estado, a auto-organização espontânea da vida popular, durante séculos paralisada e absorvida pelo poder onipotente do Estado, será revertida para as comunas. O desenvolvimento de cada comuna terá como ponto de partida a condição atual de sua civilização. E uma vez que a diversidade entre os níveis de civilização (cultura, tecnologia) em diferentes comunas da França, como no resto da Europa, é muito grande, haverá primeiro uma guerra civil entre as próprias comunas, inevitavelmente seguida por acordo mútuo e equilíbrio entre elas. Mas, enquanto isso, a luta interna dentro das comunas e entre as próprias comunas não paralisará a resistência francesa, assim rendendo a França aos prussianos?

De jeito nenhum. A história mostra que as nações nunca se sentem tão autoconfiantes e poderosas em suas relações exteriores como quando são atormentadas e profundamente divididas internamente; e que, ao contrário, as nações nunca são tão fracas como quando estão aparentemente unidas sob uma autoridade supostamente invencível.

Para nos convencermos disso, basta comparar dois períodos históricos: o primeiro, uma França temperada e revigorada das guerras internas de Fronde, sob o jovem rei Luís XIV; o segundo, uma França na velhice do rei, com a monarquia entrincheirada, pacificada e unificada por este grande líder francês. Contraste a primeira França, inundada de vitórias, com a segunda França marchando de derrota em derrota, para sua ruína. Compare também a França de 1792 com a França de hoje (1870). A França de 1792-1793 foi dilacerada pela guerra civil, toda a República travada em combate mortal, lutando furiosamente para sobreviver. E, apesar dessa luta civil, a França

repeleu vitoriosamente uma invasão de quase todas as potências europeias. Mas, em 1870, a França, unificada e pacificada sob o Império, encontra-se golpeada pelos exércitos prussianos e tão desmoralizada que sua própria existência está ameaçada. A inumana, luxuriosa compulsão de se tornar a maior e mais poderosa nação do mundo é comparável aos esforços frenéticos e sobre-humanos de um paciente delirante, que reúne toda a sua energia temporária, apenas para cair novamente, totalmente exausto...

O temperamento revolucionário e sua matriz

A França não pode mais ser ressuscitada, galvanizada em ação por sonhos vãos de grandeza e glória nacional. Tudo isso já é coisa do passado. O governo de Napoleão III, minado pela degeneração interna, corrupção e intriga, desintegrou-se sob os golpes dos prussianos ...

Exceto na Inglaterra e na Escócia, onde não há, estritamente falando, camponeses, ou na Irlanda, Itália e Espanha, onde os camponeses devido à sua absoluta pobreza são espontaneamente inclinados a ser socialistas e revolucionários, os pequenos proprietários camponeses da Europa Ocidental — particularmente na França e na Alemanha — estão meio satisfeitos. Eles valorizam sua propriedade e sentem que devem defender suas vantagens imaginárias contra os ataques da Revolução Social; e embora não tenham benefícios reais, ainda se agarram à ilusão de propriedade, aos seus sonhos vãos de riqueza. Além desses empecilhos, os camponeses são sistematicamente mantidos em uma condição de ignorância bruta por suas igrejas e governos. Os camponeses constituem agora a principal, quase a única, base para a segurança e o poder

dos Estados. Por causa disso, seus governos nutrem cuidadosa e consistentemente seus preconceitos, implantam a fé cristã e a lealdade à autoridade e incitam o ódio contra os elementos progressistas não-conformistas nas cidades. Apesar de todos esses obstáculos, os camponeses, como já expliquei, podem eventualmente ser conquistados para o lado da Revolução Social. Para isso, a iniciativa deve ser tomada pelos proletários revolucionários da cidade, pois são os únicos que hoje incorporam a ideia e o espírito despertados, a compreensão e a vontade consciente de fazer a Revolução Social. Daí que a maior ameaça à existência dos Estados está agora concentrada exclusivamente no proletariado da cidade...

É óbvio que, se esta guerra terminar em uma derrota desastrosa e vergonhosa para a França, os trabalhadores ficarão incomensuravelmente mais insatisfeitos do que estão agora. Mas isso significa que eles estariam dispostos a se tornarem mais revolucionários? E mesmo se assim fosse, a luta revolucionária seria menos difícil do que é hoje?

Minha resposta é um não sem hesitar, pelo seguinte motivo: o temperamento revolucionário das massas trabalhadoras não depende somente da extensão de sua miséria e descontentamento, mas também de sua fé na justiça e no triunfo de sua causa. As massas trabalhadoras, desde o início da história até nossos próprios tempos, têm sido assoladas pela pobreza e estão descontentes. Pois todas as sociedades políticas, todos os estados, de repúblicas a monarquias, foram baseados na miséria aberta ou mal disfarçada e no trabalho forçado do proletariado. Mas esse descontentamento raramente produz revoluções. Mesmo os povos reduzidos à extrema pobreza, apesar de suas tri-

bulações, não mostram sinais de agitação. Por que eles não se revoltam? É porque estão satisfeitos com o seu lote? Claro que não. Eles não se revoltam porque não têm uma percepção adequada de seus direitos, nem qualquer confiança em seus próprios poderes; e na falta de ambos, eles se tornaram indefesos e suportaram a escravidão por séculos. Como essas qualidades revolucionárias podem ser adquiridas pelas massas? O indivíduo educado torna-se consciente de seus direitos tanto pelo raciocínio teórico quanto pela experiência prática de vida. A primeira condição, isto é, a capacidade de pensar abstratamente, ainda não foi alcançada pelas massas. Como podem as massas trabalhadoras adquirir algum conhecimento de seus direitos? Só através das suas grandes experiências históricas, através desta grande tradição, desdobradas ao longo dos séculos e transmitidas de geração em geração, continuamente aumentadas e enriquecidas por novos sofrimentos e novas injustiças, finalmente permeando e iluminando as grandes massas proletárias. Enquanto um povo ainda não se afundou em um estado de decadência desesperançada, o seu progresso se deve sempre a esta grande tradição benfazeja, a esta professora inigualável das massas. Mas os povos em diferentes épocas históricas não progridem em um ritmo constante ou igual. Ao contrário, o ritmo de progresso flutua, sendo às vezes rápido, profundo e de longo alcance; outras vezes, é quase imperceptível, ou então se detém e parece até retroceder; o fluxo, pode este fenômeno ser explicado?

Isso pode ser atribuído aos tipos de eventos que moldam cada período histórico. Há eventos que energizam as pessoas e as impulsionam para a frente. Outros eventos têm um efeito desencorajador e deprimente que lubrifica

a moral e a atitude geral das massas, distorcendo seu senso de julgamento, pervertendo suas mentes e conduzindo-as para direções autodestrutivas. Ao estudar os padrões históricos gerais no desenvolvimento dos povos, pode-se detectar dois movimentos contrastantes comparáveis ao fluxo e ao refluxo das marés oceânicas.

Em certas épocas, ocorrem eventos que anunciam a chegada de grandes mudanças históricas, de grandes expectativas e triunfos para a humanidade. Nesses pontos, tudo parece se mover em um ritmo acelerado. Todo um ar de vigor e poder parece permear a atmosfera social; mentes, corações e vontades coalescem em um recrudescimento poderoso à medida que a humanidade marcha em direção à conquista de novos horizontes. É como se uma corrente elétrica galvanizasse toda a sociedade, unindo os sentimentos de indivíduos de temperamentos diferentes em um sentimento comum, forjando mentes e vontades totalmente diferentes em uma só. Nessas ocasiões, o indivíduo se enche de confiança e coragem porque seus sentimentos são recíprocos e elevados pelas emoções de seus companheiros. Citando apenas alguns exemplos da história moderna, tal foi o período do final do século XVIII, vésperas da Revolução Francesa. Assim também, mas em grau consideravelmente menor, foram os anos que antecederam a revolução de 1848. E tal, creio eu, é o caráter de nossa era presente, que pode ser o prelúdio de eventos que irão talvez ofuscar os dias gloriosos de 1789 e 1793.

Mas também há épocas sombrias, desanimadoras e desastrosas, quando tudo cheira a decadência, exaustão e morte, pressagiando a exaustão da consciência pública e privada. Essas são as marés baixas após catástrofes históricas. Tal foi a melodia do Primeiro Império e da restau-

ração de Napoleão I. Tais foram os vinte ou trinta anos após a catástrofe de junho de 1848. Tais seriam os vinte ou trinta anos após a conquista da França pelos exércitos do despotismo prussiano...

Sob tais condições, um punhado de trabalhadores pode permanecer revolucionário, mas lhes faltará entusiasmo e confiança; pois a confiança só é possível quando os sentimentos de um indivíduo encontram um eco, um apoio no espírito revolucionário sincero e na vontade da população. Mas a população ficará completamente desorganizada, desmoralizada e esmagada pela reação. Todas as associações de trabalhadores, dentro e fora das fábricas e oficinas, serão suprimidas. Não haverá grupos de discussão, nem círculos de educação cooperativa, nem meios de reavivar a vontade coletiva dos trabalhadores. Cada trabalhador estará intelectual e moralmente isolado, condenado à impotência.

Para garantir que os trabalhadores não se reorganizem, o governo irá prender e deportar várias centenas, ou talvez vários milhares, de trabalhadores mais inteligentes, militantes e dedicados para a Ilha do Diabo (a ex-colônia penal francesa). Com as massas trabalhadoras enfrentando uma situação tão deplorável, demorará muito tempo até que sejam capazes de fazer a Revolução!

Mesmo se, apesar desta situação mais desfavorável, e impelidos por aquele heroísmo francês que se recusa a aceitar a derrota, e movidos ainda mais pelo desespero, os trabalhadores franceses se revoltarem, provavelmente lhes será ensinada uma lição pela mais mortal das armas modernas. Contra essa terrível “persuasão”, nem a inteligência nem a vontade coletiva poderão se valer dos traba-

lhadores, levados à resistência pelo desespero suicida solitário, uma resistência que provavelmente os deixará em situação infinitamente pior que nunca.

E então? O socialismo francês não poderá mais ocupar o seu lugar na vanguarda do movimento revolucionário europeu, lutando pela emancipação do proletariado. O novo governo pode, por razões próprias, tolerar de má vontade alguns periódicos e escritores socialistas remanescentes na França. Mas nem os escritores, nem os filósofos, nem seus livros são suficientes para construir um movimento socialista vivo e poderoso. Tal movimento só pode se tornar realidade pelo despertar da consciência revolucionária, da vontade coletiva e da organização das próprias massas trabalhadoras. Sem isso, os melhores livros do mundo nada mais são do que teorias fiadas no espaço vazio, sonhos impotentes.

Uma crítica ao programa social-democrata alemão

Vamos examinar a situação em países fora da França onde o movimento socialista se tornou uma verdadeira potência... O Partido Social-Democrata dos Trabalhadores Alemães (SDWP) e a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães (GAGW), fundada por Ferdinand Lassalle, são ambos socialistas no sentido de que querem alterar as relações entre capital e trabalho de uma forma socialista (abolir o capitalismo). Tanto os lassalleanos quanto o Partido Eisenach, assim nomeado após o congresso ter sido realizado em Eisenach, de 7 a 9 de agosto de 1869, concordam plenamente que, para efetuar essa mudança, será absolutamente necessário primeiro reformar o Estado, e se isso não puder ser feito pela propaganda generalizada e

por um movimento operário pacífico legal, então o Estado terá que ser reformado pela força, isto é, por uma revolução política.

Todos os socialistas alemães acreditam que a revolução política deve preceder a Revolução Social. Este é um erro fatal. Pois qualquer revolução feita antes de uma revolução social será necessariamente uma revolução burguesa — que só pode levar ao socialismo burguês — uma forma nova, mais eficiente e mais habilmente dissimulada de exploração do proletariado pela burguesia.⁴

Este falso princípio — a ideia de que uma revolução política deve preceder uma revolução social — é, com efeito, um convite aberto a todos os políticos liberais burgueses alemães para se infiltrarem no SDWP. E esse partido foi em muitas ocasiões pressionado por seus líderes — não pelos membros de base radical — a confraternizar com os democratas burgueses do Volkspartei (Partido do Povo), um partido oportunista, preocupado apenas com a política e virulentamente oposto aos princípios do socialismo. Essa hostilidade foi amplamente demonstrada pelos ataques viciosos dos seus oradores patrióticos e dos jornais oficiais contra os socialistas revolucionários de Viena.

Essas investidas contra o socialismo revolucionário despertaram a indignação e oposição de quase todos os alemães e envergonharam seriamente Liebknecht e os outros líderes do SDWP. Eles queriam acalmar os trabalhadores e assim manter o controle do movimento operário alemão e, ao mesmo tempo, permanecer em condições amigáveis com os líderes dos democratas burgueses do Volkspartei, que logo perceberam que haviam cometido um grave erro tático ao antagonizar o movimento ope-

rário alemão, sem cujo apoio eles não poderiam esperar alcançar o poder político.

A este respeito, o Volkspartei seguiu a tradição da burguesia de nunca fazer uma revolução por si própria. Suas táticas, embora engenhosamente aplicadas, baseiam-se sempre neste princípio: alistar a ajuda poderosa do povo para fazer uma revolução política, mas colher o benefício para si mesmos. Foi esse tipo de consideração que induziu o Volkspartei a inverter sua posição antissocialista e proclamar que, agora, também é um partido socialista. Após um ano de negociações, os principais líderes dos partidos operários e burgueses adotaram o famoso Programa Eisenach e formaram uma única parte, mantendo o nome SDWP. Este programa é realmente um estranho híbrido do programa revolucionário da Associação Internacional dos Trabalhadores (a Internacional) e do conhecido programa oportunista da democracia burguesa ...

O artigo 1º do programa é, de fato, contraditório com a política fundamental e o espírito da Internacional. O SDWP quer instituir um Estado do Povo Livre. Mas as palavras “livre e do povo” são anuladas e tornadas sem sentido pela palavra Estado; o nome Internacional implica a negação do Estado. Os redatores do programa estão falando sobre um Estado internacional ou universal, ou pretendem estabelecer apenas um Estado abrangendo todos os países da Europa Ocidental — Inglaterra, França, Alemanha, os países escandinavos, Holanda, Suíça, Espanha, Portugal, e as nações eslavas submetidas à Áustria? Não. Seus estômagos políticos não conseguem digerir tantos países ao mesmo tempo. Com uma paixão que nem sequer tentam esconder, os socialdemocratas proclamam que querem erguer a grande pátria pangermã-

nica. E é por isso que o único objetivo do SDWP, a construção de um Estado todo alemão, é o primeiro artigo de seu programa. Eles são, acima de tudo, patriotas alemães.

Em vez de se dedicarem à criação de um Estado exclusivamente alemão, os trabalhadores alemães deveriam se juntar a seus irmãos explorados de todo o mundo na defesa de seus interesses econômicos e sociais mútuos; o movimento operário de cada país deve basear-se unicamente no princípio da solidariedade internacional ... Se, em caso de conflito entre dois Estados, os trabalhadores agissem de acordo com o artigo 1º do programa social-democrata, estariam, contra suas melhores inclinações, unindo-se à sua própria burguesia contra seus companheiros trabalhadores de um país estrangeiro. Eles sacrificariam, assim, a solidariedade internacional dos trabalhadores ao patriotismo nacional do Estado. Isso é exatamente o que os trabalhadores alemães estão fazendo agora na Guerra Franco-Prussiana. Enquanto os trabalhadores alemães buscarem estabelecer um Estado nacional — mesmo o Estado Popular mais livre —, eles sacrificarão inevitável e totalmente a liberdade do povo à glória do Estado, o socialismo à política, a justiça e a fraternidade internacional ao patriotismo. É impossível ir em duas direções diferentes ao mesmo tempo. O socialismo e a revolução social envolvem a destruição do Estado: conseqüentemente, aqueles que querem um Estado devem sacrificar a emancipação econômica das massas ao monopólio político de um partido privilegiado.

O SDWP sacrificaria a emancipação econômica, e com ele, a emancipação política do proletariado — ou dizendo mais corretamente, sua emancipação da política e do Estado — pelo triunfo da democracia burguesa. Isso

decorre claramente dos artigos segundo e terceiro do programa social-democrata. As três primeiras cláusulas do Artigo 2º estão em conformidade em todos os aspectos com os princípios socialistas da Internacional: abolição do capitalismo; plena igualdade política e social; cada trabalhador recebendo o produto integral de seu trabalho. Mas a quarta cláusula, ao declarar que a emancipação política é a condição preliminar para a emancipação econômica da classe trabalhadora, que a solução da questão social só é possível em um Estado democrático, anula esses princípios e torna impossível colocá-los em prática. A quarta cláusula equivale à economia:

“Trabalhadores, vocês são escravos, vítimas da sociedade capitalista. Vocês querem se libertar dessa camisa de força econômica? Claro que querem, e vocês estão absolutamente certos. Mas para atingir suas justas demandas, vocês devem primeiro nos ajudar a fazer a revolução política. Depois, vamos ajudá-los a fazer a Revolução Social. Deixe-nos primeiro, com a sua força, erguer o Estado democrático, um bom Estado democrático, como na Suíça: e depois prometemos dar-lhe os mesmos benefícios de que os trabalhadores suíços agora desfrutam...” (Testemunhe as greves em Basel e Genebra, impiedosamente reprimidas pela burguesia.)

Para se convencer de que essa incrível ilusão reflete com precisão as tendências e o espírito da social-democracia alemã, basta examinar o Artigo 3º, que enumera todos os objetivos imediatos e próximos a serem promovidos na propaganda legal e pacífica do partido e nas campanhas eleitorais. Essas demandas simplesmente duplicam o programa familiar dos democratas burgueses: sufrágio universal com legislação direta do povo; abolição

de todos os privilégios políticos; substituição do exército permanente pelas milícias de voluntários e cidadãos; separação da Igreja do Estado e das escolas da Igreja; educação fundamental obrigatória e gratuita; liberdade de imprensa, reunião e associação; e substituição de toda tributação indireta por um único imposto de renda direto e progressivamente crescente com base nos rendimentos.

Este programa não prova que os social-democratas estão interessados exclusivamente na reforma política das instituições e leis do Estado, e que para eles o socialismo é apenas um sonho vazio, que pode, na melhor das hipóteses, ser realizado em um futuro distante?

Não fosse o fato de que as verdadeiras aspirações e sentimentos radicais de seus membros, os trabalhadores alemães, vão muito além deste programa, não teríamos uma justificativa ao dizer que o SDWP foi criado com o único propósito de usar as massas trabalhadoras como a ferramenta inconsciente para promover a ambição política dos democratas burgueses alemães?

Há apenas dois pontos neste programa que os capitalistas da livre-iniciativa não vão gostar. O primeiro aparece na segunda metade da cláusula 8, Artigo 3º; exige o estabelecimento de uma jornada normal de trabalho (limitação de horas), a abolição do trabalho infantil e limitação do trabalho das mulheres; medidas que fazem estremecer os empreendedores livres. Como amantes apaixonados de toda liberdade que possam usar em seu proveito, eles exigem o direito ilimitado de explorar o proletariado e se ressentem amargamente da interferência do Estado. No entanto, os pobres capitalistas caíram em dias ruins. Eles têm sido forçados a aceitar a intervenção do Estado até

mesmo na Inglaterra, que nem de longe é uma sociedade socialista.

O outro ponto — cláusula 10, Artigo 3º — é ainda mais importante e socialista. Exige do Estado ajuda, proteção e crédito para as cooperativas de trabalhadores, particularmente as de produtores, com todas as garantias necessárias, ou seja, liberdade de expansão. A livre-iniciativa não tem medo da competição bem-sucedida das cooperativas de trabalhadores porque os capitalistas sabem que os trabalhadores, com suas rendas magras, nunca serão capazes, por si só, de acumular capital suficiente para igualar os imensos recursos da classe empregadora. No entanto, as mesas serão viradas quando as cooperativas de trabalhadores, amparadas pelo poder e pelo crédito quase ilimitado do Estado, começarem a lutar e a absorver gradualmente tanto o capital privado quanto o corporativo (industrial e comercial). Pois o capitalista estará de fato competindo com o Estado, e o Estado é, obviamente, o mais poderoso de todos os capitalistas.⁵

Trabalho empregado pelo Estado — tal é o princípio fundamental do comunismo autoritário, do socialismo de Estado. O Estado, tendo se tornado o único proprietário — ao final de um período de transição necessário para permitir que a sociedade passe, sem grandes deslocamentos, da atual organização do privilégio burguês para a futura organização da igualdade oficial para todos — o Estado então se tornará o único banqueiro, capitalista, organizador e diretor de todo o trabalho nacional e o distribuidor de todos os seus produtos. Esse é o ideal, o princípio fundamental do comunismo moderno.

Tradução do inglês por Flávia Lucchesi.

Notas

¹ As *Cartas* não foram escritas a ninguém em particular, mas este é um dos principais escritos de Bakunin, cujo anarquismo é largamente conhecido por suas práticas mais do que pelos escritos. O presente texto se encontra disponível em inglês no livro *Bakunin on Anarchy*, editado e organizado por Sam Dolgoff, com prefácio de Paul Avrich. Disponível em: [https://libcom.org/files/Bakunin%20on%20Anarchy%20\(1971\).pdf](https://libcom.org/files/Bakunin%20on%20Anarchy%20(1971).pdf). O texto em questão foi publicado originalmente em 1870 às vésperas do acontecimento da Comuna de Paris. (N. E.)

² Bakunin aqui aponta que, por medo de uma insurreição em massa, o governo não instituiu nem mesmo as medidas mais elementares para deter o avanço dos exércitos prussianos, e assim começa sua discussão sobre o seu programa revolucionário prático. (N. O)

³ Outra possível razão para a apatia é que Marselha, Lyon e as outras cidades mencionadas não foram invadidas pelos prussianos, que pararam em Paris, onde a paz foi concluída. (N. O)

⁴ Por “socialismo burguês”, Bakunin assim como Marx se referiam a uma parceria entre o capital e o trabalho, o “público” e o Estado. Foi introduzido na Alemanha por Bismarck e defendido em nossos tempos por socialistas democráticos de direita, “capitalistas iluminados”, e liberais em geral. (N. O)

⁵ Será visto a partir do contexto do próximo parágrafo que Bakunin considera o subsídio estatal das cooperativas de trabalhadores como parte da transição do capitalismo para o socialismo estatal. (N. O)

Resumo

Cartas a um francês é um dos escritos mais importantes de Bakunin. É nesta obra que ele deu suas contribuições singulares à revolução social. Foi escrito durante o período turbulento da Guerra Franco-Prussiana quando a França enfrentava uma derrota certa. Foi em meio a esta crise que Bakunin desenvolveu ideias que desde então se tornaram a base para muitos movimentos revolucionários libertários.

Palavras-chave: Revolução, Guerra Franco-Prussiana, Anarquismo.

Abstract

Letters to a Frenchman are among the most important of Bakunin's writings. For it is in this major work that he made his unique contributions to the social revolution. It was written during the stormy period of the Franco-Prussian War when France faced certain defeat. It was in the midst of this crisis that Bakunin developed ideas which have since become the basis for many libertarian revolutionary movements.

Keywords: Revolution, Franco-Prussian War, Anarchism.

Indicado para publicação em 10 de agosto de 2021.

Letters to a Frenchman on the Present Crisis, Mikhail Bakunin.